



O IMAGINÁRIO HUMANO: ENTRE A SEMIÓTICA E A PSICANÁLISE

The human imaginary: between semiotics and psychoanalysis

WALDIR BEVIDAS

Doutor em Lingüística e Semiótica – USP

Pós-Doutoramento - EHESS-Paris

PROF. ADJUNTO IV - UFRJ

« É na pesquisa sobre a significação que as ciências humanas podem encontrar seu denominador comum ».[Greimas]

Resumo: Anseio formulado por Greimas desde seu livro primeiro *Semântica estrutural* (1966), para evitar que a semiótica se tornasse prática de igreja, o texto apresenta reflexões e propostas de uma estratégia de convivência interdisciplinar entre a teoria semiótica greimasiana e as demais disciplinas humanas, no caso específico, a psicanálise. Dentre as fases que um diálogo nessa direção pode tomar (de conflito, de comparabilidade e de homologações conceituais) o texto ilustra, na fase de conflito, as diferentes concepções, frente à *cientificidade* e frente aos conceitos de *inconsciente* e de *enunciação*, entre semiótica e psicanálise lacanianiana.

Palavras-chave: semiótica, psicanálise, interdisciplinaridade.

Abstract: Wish formulated by Greimas since his first book *Estructural Semantics* (1966), to avoid to the semiotics becomes church practice, the text presents reflexions and proposals of an strategy of living together interdisciplinarity between the greimasian semiotics theory and the human disciplines restants, in specific case, the psychoanalysis. Into the phases which a dilogue in this direction may lead (by conflit, by comparability and by conceptual equivalence) the text illustrates, in the conflict phase, the diferent conceptions, in front to *scientificity* and in front to the concepts of *unconscious* and *enunciation*, between semiotics and lacanian psychoanalysis.

Keywords: semiotics, psychoanalysis, interdisciplinarity.



Introdução

Nas páginas de abertura do *Semântica estrutural* (1966), marco de nascimento da sua teoria semiótica, algumas observações de Greimas surpreendem pela antevisão e grande força diretriz. Greimas lembrava aí que a teoria semiótica, frente a seus possíveis destinatários, deveria escolher um *caminho mediador* entre exigências práticas aparentemente contraditórias: ao mesmo tempo que deveria deixar-se pressionar pela força heurística da lógica-matemática e da lógica em geral – como condição de rigor e progresso científico – a semiótica deveria também voltar-se às ciências humanas – como condição de evitar isolamento metodológico – para que seus métodos fossem *compatíveis* com qualquer outra pesquisa sobre a significação¹.

O tempo é testemunha da força dessas diretrizes. Decorridos perto de 40 anos, a primeira tarefa velejou de vento em popa. Seus modelos básicos conseguiram o respeito de lógicos e

¹ Se ao semanticista (semioticista) “parece evidente que, sem o recurso da lógica-matemática, e da lógica propriamente dita, a semântica só pode ficar na contemplação de seus próprios conceitos gerais, ele está igualmente consciente de que uma iniciação semântica que não levasse e não fosse adiante das ciências humanas, em plena reviravolta, permaneceria ainda por muito tempo uma prática de igreja” (Greimas, op.cit., p. 8).

matemáticos da envergadura de um René Thom. Sua conceptualização e metalinguagem operacional firmaram coerência e homogeneidade suficientes para permitir progressos velozes na descrição da significação nos mais diferentes tipos de práticas significantes: do mais cotidiano dos discursos (um conto de fadas, uma receita de cozinha ou uma cerimônia de chá) até as linguagens mais resistentes (pintura, arquitetura, música). A pressão benéfica da lógica conseguiu imprimir-lhe rigor científico crescente, a ponto de poder a semiótica ter exibido contínua depuração de conceitos e de instrumentos de descrição da significação.

Se podemos dizer, então, que a semiótica cumpriu satisfatoriamente a primeira exigência, prevista nas diretrizes, o que será que ocorre com relação à segunda, de visar às ciências humanas, na tentativa de compatibilizar-se com elas e trocar subsídios conceituais e de método frente à significação? Qual o tipo de convivência que a semiótica tem hoje, por exemplo, com uma antropologia (outrora tão próxima, por iniciativa do próprio Greimas), com a sociologia, com a psicologia ou com a psicanálise? Podemos garantir que estamos conseguindo mesmo evitar o isolamento metodológico temido por Greimas, evitar a prática de igreja?

Sabemos que houve e há pesquisas de fronteira interdisciplinar (I. Darrault na psicologia; H. Parret na filosofia; E. Landowski na semiótica jurídica e sociosemiótica; M. Arrivé, J.-C. Coquet na psicanálise; J. Courtés na teologia, J.-M. Floch na mídia e comunicação, para mencionar apenas poucos, dentre os pioneiros). Mas podemos garantir que esses trabalhos vão além de um simples empréstimo de *objetos empíricos* dessas áreas para depois, devidamente semiotizados, apenas servirem de ‘consumo interno’ à semiótica?

A observação não quer ser cruel ou ingrata, mesmo porque é exatamente assim que uma disciplina começa a evoluir internamente e enriquecer seus modelos. A pergunta é outra: será que assim elaboradas as semiotizações dos outros campos, elas atingem beneficentemente as outras disciplinas? Deixam aí vestígios que consideramos edificantes? Conseguem influir na ‘episteme’ dessas disciplinas?

É difícil obter aqui uma resposta afirmativa. Temos de admitir uma fraca ressonância da semiótica nas outras disciplinas afins. Sem ser deficiência da teoria, quero entender que a razão principal disso seja a falta do que poderíamos chamar uma *estratégia de convivência interdisciplinar*. A natureza de tal convivência ainda não foi calibrada. As condições, extensões e limites dela é um debate que ainda não tomou fôlego no círculo dos semioticistas.

É certo que a interdisciplinaridade é uma questão difícil na partida, constantemente desajeitada no trajeto e sempre imperfeita na chegada. Mas isso não impede que deva ser buscada, a todo custo, e que, para isso, pague o seu preço. Mesmo porque, sem a conversão dos seus resultados num saber partilhável pelas outras disciplinas, a semiótica só pode mesmo ver seu progresso compartilhado por pouco mais de um punhado de pesquisadores, num incômodo discurso tendencialmente ‘esotérico’ (aos olhos externos), correr o risco de abstrações cada vez mais artificialistas, minimalistas, detalhistas, que dificilmente conseguem esconder os primeiros vestígios de saturação desagregadora².

A convivência interdisciplinar não é, portanto, um charme de boa vizinhança, mas condição de sobrevivência. E mesmo sem um perfeito mapeamento – questão que pede ampla discussão –, uma orientação primeira parece se impor: a exigência de um diálogo efetivo entre as partes. E uma das condições básicas de entrada nesse diálogo talvez seja uma espécie de *recoo tático* da nossa ‘metalinguagem’ (como queremos) ou do nosso ‘jargão’ (como querem os outros), a sua redução ao indispensável.

Talvez nem nos demos o trabalho de perceber. Mas nossa metalinguagem intimida e sua economia quase nunca é absorvida por pesquisadores que, mesmo sérios, não sejam do estrito círculo. Ela assusta pelo hermetismo e abstração (e irrita um pouco por algum preciosismo). Então não nos restam muitas alternativas: ou conservamo-la obstinadamente na sua ‘pureza’ – e o diálogo aborta no nascedouro – ou então temos de ‘prostituí-la’ um tanto para torná-la menos ‘dura’. Noutros termos, se, ao que parece, a semiótica entrou na cena social pela porta da *intimidação*, sua melhor saída parece ser pela porta da *sedução*, no sentido modal dos termos. A tarefa de sedução exige, pois, um recoo tático no próprio discurso. Mas exige também efetiva competência no discurso do outro, para que a pesquisa se situe num ponto de equilíbrio entre dois registros descritivos e/ou interpretativos.

² Um pouco como ocorre nas teorias matemáticas, segundo R. Thom: “chegamos, depois de ter resolvido os problemas centrais do domínio considerado, a estudar questões mais e mais fragmentárias, mais e mais difíceis de acesso, mais e mais construídas, mais e mais artificiais, num certo sentido. É isso que Kuhn, em seu livro, chama “a época do *puzzlesolving*” ... É um período de “preciosidade” ... de “barroco” ... Essa espécie de vida que não é outra coisa que a manifestação da morte” (1980, p.15-16).

Semiótica e Psicanálise

É seguindo orientações e exigências desse tipo que, no nosso caso particular, optamos por expor a semiótica ao desafio da interdisciplinaridade, escolhendo como parceira de diálogo a psicanálise (freudo-lacaniana).

Sem a ilusória presunção de harmonia universal ou de qualquer interdisciplinaridade total, esse diálogo não tem como não atravessar momentos claramente distintos: primeiramente, ele deve passar por um *diálogo de conflito*, progredir na direção de um *diálogo de comparação* (entre métodos e conceitos), e visar, por fim, a um *diálogo de homologação*.

Atendo-nos apenas ao primeiro momento, não podemos deixar de observar que semiótica e psicanálise sempre estiveram marcadas por profundas divergências. Ambas possuem poderosos mecanismos de leitura dos fenômenos da significação que lhes dão, cada uma a seu modo, a garantia da coerência e/ou da eficácia. Ambas têm vocação totalizante, capazes de interpretar tudo o que cai diante de seus olhos: uma pela força e rigor – na orientação de Greimas – de pensamento marcado pela prudência científica; outra, pela autoridade do carisma e argúcia de Lacan. Trata-se de dois discursos cujas contingências de nascimento e de constituição impediram que andassem juntas. Progrediram velozes, mas em direções heterogêneas. As divergências de conceitos, métodos e de descrição/ interpretação são tais que, aparentemente, tudo parece induzir ao fracasso de uma tarefa assim planejada.

Ocorre, porém, que entre as duas disciplinas há em comum um *gesto epistêmico* de base. Ambas apostam na significação: a psicanálise, na significação ao sujeito; a semiótica, na significação *tout court*. Ambas têm no discurso o motor das suas conceptualizações. Para Lacan, a linguagem (o discurso) é condição do inconsciente³; para Greimas, é o lugar exclusivo de geração e articulação da significação. Ambas se modelam no paradigma teórico da linguagem⁴.

³ “O que é o discurso de Lacan, seu avanço, seu traço? É a seqüência, talvez intrinsecamente infinita, das decorrências da tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (MILLER, 1978, p. 15).

⁴ A psicanálise lacaniana exibiu essa modelagem no gesto lingüístico do Lacan dos anos 50 e parte dos anos 60 do século findo. Por isso, é o período que será privilegiado neste artigo. É verdade que, haja vista a prioridade dada por Lacan ao *significante*, o pólo do significado acabou por ficar acanhado, submerso numa espessa “barra”, que o psicanalista adscreeveu ao “traço de união”, que Saussure havia posto entre significado e significante, no diagrama do signo. Isso levou seus discípulos, pouco a pouco, à minimização, primeiro, e ao abandono da questão do sentido, nos dias de hoje. Mas consideramos isso acidente de percurso, restando intacta a base linguageira da fundação. E, em projeto do CNPq, que intitulamos *Psicanálise do sentido*, estamos criticando o abandono do sentido, hipostasiado na prioridade que Lacan deu ao significante. Seus resultados serão oportunamente publicados.

Esse *gesto epistêmico* de base é suficiente para autorizar o diálogo e manter um denominador comum, de fundo, ao serem examinadas as divergências teóricas, de superfície. Dentre essas divergências, escolhemos aleatoriamente comentar brevemente, e em amostragem, a questão da cientificidade na semiótica e na psicanálise, e os conceitos de inconsciente/enunciação.

A cientificidade

A semiótica, mesmo envolvida, de tempos em tempos, num debate salutar sobre sua conduta descritiva frente à significação – alguns semioticistas propõem-na como “arte de bricolage” (Landowski, Courtés), outros, como uma transposição “perifrástica” (Parret) – tem como matiz de fundo um ideal de ciência. Ela quer se firmar como projeto científico de descrição e explicação da significação. Explicação científica que consiste simplesmente na progressiva “redução do arbitrário” – para emprestar reflexão aguda de R. Thom – quando da investigação do engendramento da significação. Para isso, sua conceptualização evita o recurso a metáforas demasiadamente intuitivas. Sua metalinguagem se constrói visando, sobretudo, a coerência, a univocidade, a interdependência entre os conceitos e a homogeneidade de descrição. São essas as condições básicas que podem garantir sua transmissão.

Não é essa conduta que a semiótica enxerga na psicanálise. A seu ver, esta procede sua teorização e prática por um viés excessivamente metafórico (portanto resvalando-se no ‘arbitrário’). A seu ver, uma psicanálise como a lacaniana tenta erigir em método um *estilo* de interpretação. Irrita-lhe um pouco a resistência obstinada ao cientismo, à aquisição de metalinguagem menos metaforizada, mais homogênea. Mas talvez valha a pena entrar mais fundo no regime das suas metáforas e tentar verificar se haveria legitimidade em algumas ‘razões’ da psicanálise.

É certo que a postura de Lacan frente ao discurso científico sofreu uma contínua oscilação durante a evolução do seu ensino. Sua entrada no cenário psicanalítico fora cunhada por um movimento de releitura de Freud, no qual a preocupação maior era mesmo a de imprimir à psicanálise uma vocação à cientificidade, entendida aqui como busca de rigor, de precisão e também de ética⁵. Para isso, não mediu esforços em fazer a psicanálise atualizar-se à episteme

⁵ “Se na psicanálise pode se tornar uma ciência, - porque ainda não o é [...] nós devemos reencontrar o sentido de sua experiência” (LACAN, op.cit., p. 267); “[...] prudência no método, escrúpulo no processo, abertura nas conclusões, tudo aqui nos é exemplo da distância mantida entre nossa *praxis* e a psicologia” (ibid., p. 217).

ambiente, introduzindo-a ao debate com a Filosofia, com a Lógica, mesmo com a Topologia e, principalmente, com a Lingüística.

Ocorre, porém, que nem mesmo o fascínio pela lingüística – na sua afamada cientificidade dos anos 50 do seu século – consegue demovê-lo de certo ceticismo, de certa precaução em enquadrar a psicanálise plenamente como ciência⁶. A contínua relutância de Lacan nesse aspecto parece-nos vir de duas razões de peso: a de que o discurso científico moderno, que se construiu basicamente da reflexão cartesiana, fundada no sujeito do *conhecimento* (do “cogito” cartesiano), nega, ao ver do psicanalista, a emergência do sujeito do *desejo*. A subversão que Lacan operaria na formulação do seu “penso onde não sou, portanto sou onde não penso” (1966, p.517) faz a psicanálise incidir na *cisão* do sujeito, procurando construir-se precisamente como uma teoria do sujeito do desejo. Havia, portanto, no ‘cogito’ lacaniano uma função de *desconhecimento* que a ciência não teria sabido ainda incorporar.

Uma outra razão, igualmente forte, detinha Lacan frente ao discurso científico. Desde sua tese de doutorado de estado (*De la psychose paranoïaque...*) o jovem psiquiatra, apenas debutante em psicanálise, já dava sinais de uma convicção que continuaria a elaborar e a manter até o fim da sua vida: o conhecimento humano tem na sua raiz um móbil de estrutura paranóica. A matriz do conhecimento humano teria uma coloração paranóica⁷. E chama nossa atenção para uma confirmação no próprio Freud quando, depois de analisar o famoso caso da paranóia do Dr. Schreber, surpreende-se com a grande semelhança que vê entre as elucubrações delirantes do Senhor Presidente e sua própria teoria da libido! O discurso científico, a ciência em geral, teria, em relação aos seus objetos de conhecimento, uma relação de *alienação* de tipo paranóico:

Assim também do mesmo belvedere onde nos levou a subjetividade delirante, nós voltamo-nos também para a subjetividade científica: queremos dizer aquela que o pesquisador em ação na ciência partilha com o homem da civilização que a suporta (LACAN, 1966, p. 576).

Evidentemente isso não nos deve amedrontar pelo peso do termo. Mesmo porque, desde Freud, sabemos que entre a sanidade e a loucura não existem cortes de secção, mas linhas de

⁶ Todo o início do seminário XI é marcado por essa precaução: “a questão não é, pois, simples, do momento que a psicanálise como suposta ciência aparece sob traços que podemos dizer problemáticos” (LACAN, 1973, p. 15). A mesma precaução atravessa também todo o artigo “A ciência e a verdade”: “Há alguma coisa no estatuto do objeto da ciência que não nos parece elucidado desde que a ciência nasceu” (id., 1966, p. 863). Por razões dessa natureza Lacan admite: “Não atravessei até o momento o passo concernente à vocação de ciência da psicanálise” (ibid., p. 856).

⁷ “Ao estudar o ‘conhecimento paranóico’, tive que considerar o mecanismo de alienação paranóico do eu como uma das precondições do conhecimento humano” (LACAN, 1985, p. 26).

continuidade. O que temos de reconhecer é que uma hipótese dessa envergadura exige uma densidade maior de investigação. Queremos tão somente sugerir que existem razões de maior espessura para o que de início preconcebamos, talvez, como mera ‘resistência’ da psicanálise ao cientismo. Envolvida nessas convicções, a psicanálise não poderia mesmo embrenhar-se, veloz e precipitadamente, num discurso acentuadamente científico quando, a seu ver, o que se trata é de precisamente denunciar nele as suas ‘micro-patologias’ de origem⁸.

Por isso, a posição de reserva da psicanálise frente ao discurso científico, frente ao modo como os discursos em geral manipulam seus objetos de conhecimento, pode despertar nos meios científicos, e na semiótica, um exame inusitado sobre as coerções do procedimento científico. Se a própria concepção de ciência e de discurso científico teve um salto evolutivo certo com as descobertas de lingüística (e da semiótica) – quer por questionar a própria noção de *explicação científica*⁹, quer por subordinar a concepção de leis científicas às “coerções da comunicação entre os observadores”¹⁰ – um exame mais denso dessa possível tendência ‘paranoizante’ do conhecimento (científico) – hipótese gerada pela psicanálise – pode, eventualmente, alimentar o debate sobre a extensão e limites do discurso científico nas ciências humanas.

Inconsciente/Enunciação

Os semioticistas em geral, desde observações inaugurais de Greimas no *Semântica estrutural*, não concordam com a pertinência da oposição consciente vs inconsciente. Greimas considerava grande “embaraço” para o lingüista ter de levar em conta essa oposição: ficaria estranho em cada articulação do singular, o plural dever ficar como subconsciente, ou o indicativo

⁸ É talvez, por isso, que a psicanálise lacaniana tenha sempre oscilado entre ciência e poética, a meu ver, numa espécie de ‘equilíbrio-do-não-compromisso’. Se hoje em dia constatamos que esse equilíbrio sempre ameaça de ser rompido, em favor de um torneio quase todo ‘poetizante’, isso, contudo, não parece encontrar respaldo seguro em Lacan. É certo que Lacan se decepcionou um pouco com a lingüística – “uma ciência muito mal orientada” e “mais do que esparsa” (1979, p. 16-19) – e que sempre se aliou à lingüística de Jakobson, sobretudo na sensibilidade às questões de poética. Mas daí a tirar a dedução de que a psicanálise deva se firmar eminentemente como ‘livre poética’ de interpretação – coisa já por si só difícil de circunscrever – vai um passo grande demais para ser dado sem melhor conhecimento de causa.

⁹ “Porque o que a lingüística geral põe em questão [...] é a própria noção de *explicação científica*. A lingüística nos obriga – a nós, especialistas das ciências exatas, matemáticos, físicos, biológicos – a um exame radical, uma reavaliação fundamental dos fins do próprio empreendimento científico” (THOM, 1974, p. 235).

¹⁰ “Podemos dizer que as leis físicas não descrevem fenômenos, elas descrevem as leis que permitem comparar as visões de dois observadores” (id., 1978, p. 101).

se opor ao subjuntivo inconsciente¹¹. Ora, como então inaugurar um debate mais prolongado entre semiótica e psicanálise sendo que para esta o inconsciente é uma pedra de tal forma fundante que sem ela a psicanálise só pode emudecer?

Ocorre que, nesse caso, a meu ver, as duas disciplinas não trafegam na contra-mão, porque nem mesmo usam a mesma pista. De fato, se entendermos por inconsciente aquele conceito, de raiz filosófica, do ‘não-consciente’, que no caso da semiótica – para abreviar bastante – abrangeria toda a arquitetura *in absentia* do paradigma da linguagem, ele certamente perderia consistência. No fim das contas, toda estrutura seria de ordem inconsciente.

Mas os psicanalistas nos advertem insistindo que o inconsciente da psicanálise não é isso. E, de fato, o que a psicanálise reivindica como inconsciente, na leitura que nos permitimos efetuar, é nada mais do que: (a) primeiramente, uma estrutura actancial composta de diferentes “instâncias” (id, ego, superego), subsumidas por um único ator (sujeito) em confronto com outros sujeitos – estes abstrativamente sincretizados no que, com Lacan, poderíamos concordar como sendo o (grande) Outro. É o que Freud chamava a *tópica* do inconsciente; (b) em seguida, pelo trânsito truncado de informações, valores (morais), afetos e sensibilizações – trocados não apenas com outros actantes-sujeito, mas também trocados intra-actancial e intra-actorialmente (o sujeito em luta com suas próprias pressões e coerções pulsionais) – estaria montada a cena *polêmico-contratual*, intervindo e resultando os fortes fenômenos indicados como recalques, denegações, sublimações, forclusões, etc., ao que Freud nomeou como a *dinâmica* do inconsciente; (c) por fim, tudo isso se põe fartamente investido, e mesmo mobilizado, pela *energia pulsional*, cujo caráter “metafórico”, como o entendeu Greimas, constitui o que o médico vienense denominou como o fator *econômico*, ou a economia psíquica, e que, segundo perspectiva possível hoje em semiótica, poderia ser legitimamente investigada como *tensividade pulsional*. Nesse sentido, o inconsciente não precisaria mais ser confundido com a estrutura *in absentia* do paradigma lingüístico, mas poderia ser proposto como uma *isotopia* singular, plenamente identificável, reconstruível e descritível, embora escondida sob capas inusitadas do discurso manifesto.

Assim entendido, poderíamos assegurar que, através de Freud, mas com um torneio completamente inédito, Lacan trouxe uma abertura inusitada para a investigação do inconsciente: ele fala – *ça parle* – numa estrutura de linguagem. Não é uma profundidade misteriosa, mítica e

¹¹ E prossegue: “Desde Saussure e sua concepção da estrutura significante (subscrevemos inteiramente ao que diz Merleau-Ponty sobre esse assunto), a categoria dicotômica da consciência opondo-se ao inconsciente não é mais pertinente nas ciências do homem” (GREIMAS, 1966, p. 190).

insondável. É certo que as coisas complicam-se bastante quando temos que trilhar o sentido para onde aponta a hipótese lacaniana. O discípulo freudiano acentuou que o inconsciente se revela não nas linhas do discurso, mas nas entrelinhas; não no dito, mas no interdito; não no fluxo normal do discurso (do paciente), mas nos tropeços que aí ocorrem à sua revelia, nos atos falhos que o sujeito comete inadvertidamente.

Quando, por exemplo, numa fala de sessão analítica, o sujeito, querendo enfatizar sua predileção no interior da família, expressa descuidadamente “... era o *preterido de minha mãe...*” (quando todo contexto anterior de sua fala preparava o surgimento do termo “preferido”), esse tropeço, essa falha não é simples ‘descuido’ de linguagem. Esse equívoco é o próprio inconsciente *in acto*. Esse lapso é o que Lacan propõe como uma dentre as “formações do inconsciente”. Sob a isotopia manifesta da *preferência* irrompeu a isotopia recalçada da *preterição*. Se, a partir daí, o discurso do paciente retoma sua compostura, o ‘controle’ da narração (e pode até pedir desculpas pelo ‘engano’), isso não indica menos que o inconsciente abriu-se ali. Alguma coisa deve responder por esse falho. Algo (da natureza de uma significação para o sujeito) fez o sujeito falhar e falhar numa estrutura semiótica, de linguagem.

O analista pontuará ao paciente o falho. Deterá ali o discurso, pedindo que o sujeito fale sobre a falha. *Porque não interessa a seqüência narratológica* da sua fala anterior. E, por mais que o sujeito se recomponha no controle do seu discurso, outros falhos ocorrerão (pontuados pela escuta clínica atenta), o que confirma, segundo Lacan, o modo de existência *pulsativo* e *evanescente* do inconsciente. O inconsciente pulsaria intermitente nos lapsos do discurso. A metáfora feliz do vaga-lume, como apresentada por E. Landowski, lhe cai muito bem: o sentido (da isotopia pulsional) não estaria nos objetos, “mais ou menos como o caracol está na sua concha”, mas, à imagem do vaga-lume, “manifesta-se, antes, à maneira dum fenômeno emergente, fluido, quase aleatório, tendo a faculdade de *surgir* em qualquer parte, inclusive onde menos se espera” (1996, p. 27-8).

Assim concebido, o inconsciente poderia aparecer e ser reivindicado como aquilo que de mais nuclear poderíamos aplicar ao conceito de *enunciação*: ele atuaria como uma espécie de conector, numa rede de significações, da isotopia que aponta continuamente para a ‘verdade’ mesma do sujeito: a verdade de seu desejo, de seu gozo, de seus sintomas...

É nessa perspectiva que a psicanálise parece-nos como a busca incessante da enunciação, na sua radicalidade. Porém, não uma enunciação tal como a semiótica se esforçou até hoje por reconstruir, a partir do enunciado dos discursos ‘estabilizados’, dos ‘sujeitos de papel’, e sim

ampliada para aquela que pede para ser reconstruída nos equívocos ou tropeços do enunciado, dos discursos à deriva, produzidos por sujeitos ‘em-carne’, nas flutuações próprias do vivido.

A enunciação, que a psicanálise nos adverte e entreabre, não parece ser a mesma enunciação em semiótica, tal como veio sendo investigada até hoje. Ela teria toda uma série de nuances que a teoria semiótica ainda não incorporou nas suas investigações, justamente porque tais nuances são decorrentes da situação particular em que ocorre a produção discursiva no “ato analítico” da sessão clínica. O *corpus* discursivo da psicanálise é algo mais fluido, mais fugidio do que o texto estabilizado, ‘normalizado’, que serve de material às análises semióticas em geral. E a estratégia de condução do discurso do paciente (associação livre) visa exatamente evitar que o sujeito controle a narratologia do seu discurso (tão cara à semiótica) para prosseguir-lo sem rumo, no rebuliço, sob o princípio da “tagarelice sem fim”¹².

Para avançarmos os estudos semióticos da enunciação, temos que admitir, portanto, que o discurso do paciente em sessão tem uma singularidade de produção – pelas próprias condições transferenciais do ato analítico – que propicia todo um ângulo novo de apreensão da enunciação, da significação ao sujeito. E esse material, mais do que simplesmente precioso, pode vir a ser *decisivo* na arquitetura de uma teoria geral da enunciação que faz parte dos empenhos das lingüísticas do discurso de hoje.

Enfim, essas curtas amostragens querem indicar que, mesmo num diálogo de ‘conflito’ com a psicanálise, mais do que conflitos, o diálogo pode também trazer bons desafios.

Bibliografia

GREIMAS, A. J. **Sémantique structurale**. Paris: Larousse, 1966.

LACAN, J. **De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité**. Paris: Seuil, [s/d].

_____. **Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1964.

¹² “Está aí o princípio da “tagarelice” sem fim onde a análise limita seus meios de ação e mesmo seus modos de exame” (Lacan, 1966, p. 443).

_____. **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.

_____. **Le séminaire**. Livre XI. Paris: Seuil, 1973.

_____. “Vers un signifiant nouveau”. In: **Ornicar?**. Paris: Seuil, 1979, n.17/18, p. 7-23.

_____. “Algumas reflexões sobre o eu [1951]”. In: **Psicanálise 2**. São Paulo: Clínica Freudiana, p. 25-35, 1985.

LANDOWSKI, E. “Viagem às nascentes do sentido”. In: SILVA, I. A. (org) **Corpo e sentido**. Araraquara: UNESP, p. 21-43, 1996.

MILLER, J.-A. “Action de la structure”. In: **Cahiers pour l’analyse**. Paris: Seuil, 1968, n.9, p. 93-105.

_____. “Algorithmes de la psychanalyse”. In: **Ornicar?**. Paris: Seuil, n.16, p. 15-25.

THOM, R. “La linguistique, discipline morphologique exemplaire”. In: **Critique**. Paris: Minuit, 1974, n.322, p. 235-45.

_____. “Entretien sur les catastrophes, le langage et la métaphysique extrême”. In: **Ornicar?**. Paris: Seuil, 1978, n.16, p. 73-109.

_____. “Artefacts et structures infravivantes”. In: **Connexions**. Paris: EPI editeurs, 1980, n.30, p. 11-31.